



Os meios de comunicação e a identidade de atletas naturalizados brasileiros

*William Douglas de ALMEIDA*¹
GT 5 - Interfaces comunicacionais

RESUMO

A cobertura midiática é uma ferramenta importante para os pesquisadores que trabalham com o Olimpismo. Uma das possibilidades oferecidas pelos jornais é dar acesso aos pesquisadores às vozes de atletas que já faleceram. Além das entrevistas, outras matérias jornalísticas ajudam na confirmação de competições disputadas e de resultados importantes obtidos, tornando assim, os jornais, um documento histórico. Esta pesquisa apresenta como os jornais foram utilizados como ferramenta para a compreensão do conceito de identidade brasileira e na contextualização das trajetórias de atletas que nasceram em outros países mas representaram o Brasil em Jogos Olímpicos. Como resultados, observa-se que os periódicos trazem informações importantes, todavia sua compreensão é melhorada caso o pesquisador tenha o cuidado de contextualizar a informação baseado em outros documentos e produções históricas.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos, identidade, imigração, jornalismo esportivo

INTRODUÇÃO

Desde 1920, quando enviou a primeira delegação para uma edição olímpica, o Brasil foi representado por 52 atletas que nasceram em outros países. Grande parte deles obteve a nacionalidade por fatores hereditários, por serem filhos ou netos de brasileiros. Outros, porém, passaram por um processo de naturalização. Compreender a história desses atletas, suas ligações com o Brasil, o legado que eles deixaram e a construção de suas identidades é algo fundamental para que possamos ter uma visão mais ampla sobre o esporte nacional e a potencialidade do fenômeno esportivo na construção de identidades. Ao longo de duas décadas, o Grupo de Estudos Olímpicos da Universidade de São Paulo (GEO/USP) se debruça sobre a compreensão do olimpismo brasileiro, principalmente por meio da trajetória dos atletas que representaram o país. Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas dessas trajetórias e dialogar com o modo como as narrativas sobre os atletas foram construídas por veículos de comunicação.

¹ Doutor em Ciências pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE/USP), especialista em jornalismo esportivo e negócios do esporte pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), jornalista pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (FAAC/Unesp). Passou pela rede Bom Dia de Jornais, Diário de São Paulo, A Cidade (Ribeirão Preto) e desde 2012 trabalha na Empresa Brasil de Comunicação. É membro do Grupo de Estudos Olímpicos da Universidade de São Paulo e da Academia Olímpica Brasileira.



V Simpósio de Discursividades Midiáticas - Frutal - MG - 23 a 26/11/2020
LabDim - Laboratório de Discursividades Midiáticas e Práticas Socioculturais

METODOLOGIA

Para compreender a trajetória dos atletas olímpicos brasileiros, os membros do GEO/USP trabalham principalmente com narrativas biográficas, metodologia desenvolvida pela professora Katia Rubio (RUBIO, 2014a, 2014b, 2015, 2016). Sempre que possível, buscamos ouvir as narrativas dos atletas sobre suas histórias de vida, que revelam detalhes além da trajetória atlética. Todavia, como a primeira participação olímpica brasileira ocorreu nos Jogos de Antuérpia, em 1920, há muitos casos em que os atletas já haviam falecido no momento em que o projeto foi iniciado.

Uma ferramenta fundamental na construção das narrativas sobre esses sujeitos foi o uso de jornais de época, como material de apoio para descrever as carreiras atléticas. Para usar os relatos dos periódicos, porém, são necessários cuidados. (GIGLIO, 2013) alerta que, da mesma maneira que as falas dos entrevistados, os jornais podem conter erros e imprecisões e o mesmo pode acontecer com os documentos oficiais. (LE MOS, 2008) considera tais elementos importantes, e diz que tanto os jornais quanto os documentos podem ser úteis ao pesquisador, mas seu estudo deve ocorrer sempre relacionado a outras fontes, o que ajuda na compreensão e a evita a imprecisão de dados. Cientes dessas orientações, foi possível encontrar nos periódicos relatos valiosos, que ajudaram na compreensão das trajetórias atléticas e, além disso, de como seu deu a construção identitária brasileira desses indivíduos, destacando a importância do esporte olímpico nesse processo.

DISCUSSÕES/RESULTADOS

Já na primeira edição olímpica em que participou, em 1920, o Brasil contou com um atleta nascido em outro país: o atirador Sebastião Wolf, natural da Alemanha. Ao lado de Dario Barbosa, Afrânio da Costa, Guilherme Paraense e Fernando Soledade, ele compôs a equipe que voltou da Bélgica com a medalha de bronze. Nascido em 5 de fevereiro de 1869 na região da Baviera, na Alemanha, o atirador era filho de Anna Maria Clarz Belzer e enteado do naturalista Hermann von Ihering. Segundo informações do Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil, Von Ihering veio para o Brasil em 1880 e naturalizou-se em 1885.(FIOCRUZ,)

Doze anos depois do debute olímpico, Wolf esteve em outra edição olímpica, mas na condição de reserva. A edição do *Jornal dos Sports* de 3 de junho de 1932 cita



“Na opinião balizada do doutor Afrânio Costa, a nossa delegação deverá estar, assim, constituída: Braz Magaldi, Harvey Villela, Amaral Ferraz, Afrânio Costa e Sebastião Wolf. Este reserva.” Diretor do Tiro Nacional Porto-Alegrense, Wolf morreu em 15 de março de 1936.

Nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932, Wolf teve a companhia de outro atleta nascido na Alemanha na delegação brasileira: Carlos Woebcken, do decatlo. A primeira referência encontrada ao atleta em pesquisa na hemeroteca digital está na edição de 9 de julho de 1922 do Correio da Manhã. O nome de Carlos Woebcken consta numa lista de inscritos para participação em um campeonato municipal no Rio de Janeiro. Os resultados oficiais dão conta que ele não conseguiu concluir todas as provas do decatlo durante a disputa olímpica. Segundo nota publicada na edição de 2 de outubro de 1934 do Jornal dos Sports, Carlos ficou dois anos afastado das competições, mas voltou à ativa no Campeonato Carioca daquele ano, obtendo resultados significativos. O último registro localizado que cita Carlos como atleta está no Jornal dos Sports, em 07 de dezembro de 1935 e traz a informação que ele participaria de uma competição envolvendo o Club Allemão, Flamengo e o Athletico Boa Viagem, de Niterói. Carlos é citado como competidor para as provas de disco e dardo.

Mais de três décadas depois, nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964, a equipe brasileira de polo aquático contava com Aladar Szabó, jogador que nasceu na Hungria, mas que se naturalizou brasileiro. Szabó chegou a participar de competições oficiais pelo país natal, mas desertou, conforme relato ao jornal “O Globo”, publicado em 30 de maio de 1959. “Em fins de 1956, quando excursionávamos pela Europa, em preparo para os Jogos de Melbourne, desliguei-me da delegação em vista dos acontecimentos políticos em minha terra. Preferi viver no estrangeiro a retornar a Budapeste”.

Após um período na Itália, Szabó recebeu um convite para mudar ao Brasil, conforme detalha nessa mesma entrevista.

“Recebi, então, ofertas da Tunísia, Grécia e Índia, para dirigir quadros de polo aquático e também uma da CBD para vir ao Brasil. Como Vinícius e Del Vecchio [jogadores de futebol brasileiros que atuavam no Napoli] me falavam tão bem daqui, resolvi rejeitar as demais propostas e arrumar as malas para o Rio de Janeiro. Quando já achava que estava tudo arranjado, recebi carta da CBD informando que no momento não havia possibilidade para a minha vinda. Mesmo assim, como já havia recusado os convites anteriores e tinha tudo acertado para viajar, resolvi embarcar e de um dia para o outro.”



Após encerrar a carreira nas piscinas, Szabó morou em diversas cidades brasileiras. Morreu em São Paulo, em outubro de 1982.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÕES

Apesar de operar de uma maneira diferente da qual conhecemos hoje, os jornais já dedicavam páginas à cobertura esportiva nas décadas de 1920 e 1930, como pudemos perceber ao encontrar matérias que citam Sebastião Wolf e Carlos Wobcken. Foi também por meio de uma entrevista a um meio de comunicação que conseguimos conhecer detalhes da vinda de Aladar Szabó ao Brasil.

Os jornais são uma ferramenta importante, e ajudam na compreensão do fenômeno da migração. Para isso, porém, é preciso contextualizar os fatos e buscar outras referências teóricas. A vinda de Wolf e Wobcken ao Brasil, por exemplo, é intimamente ligado a um grande fluxo de alemães que se mudaram para o Brasil no final do século XIX e início do século XX.

Já a imigração de Aladar Szabó ocorre em um contexto de Guerra Fria, como uma fuga de um país socialista. É interessante notar que, apesar do paradigma esportivo dominante à época ser o do amadorismo, Szabó já migra para o Brasil como profissional do esporte.

De maneira sintética, é possível concluir que os jornais de época são uma ferramenta importante ao se buscar reconstruir trajetórias atléticas, todavia, é preciso ir além e contextualizá-las, para que seja possível compreender quem é o atleta em uma dimensão que supere a simples disputa esportiva.

REFERÊNCIAS

FIOCRUZ. IHERING, HERMANN FRIEDRICH ALBRECHT VON. Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/pdf/iheherm.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

GIGLIO, S. S. COI x Fifa: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos. 2013. Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39133/tde-21012014-133735/pt-br.php>>.

LEMONS, D. L. R. A história social do movimento olímpico brasileiro no início do Século XX. 2008. Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em:



<<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39133/tde-11082008-093623/en.php>>.

RUBIO, K. Memórias e narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros. In: RUBIO, K. (Ed.). Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos. São Paulo: Képos, 2014a.

RUBIO, K. A experiência da pesquisa “Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”. *Acervo*, v. 27, n. 2 SE-Dossiê, 25 set. 2014b. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/442>>.

RUBIO, K. Atletas olímpicos brasileiros. São Paulo: Sesi-SP, 2015.

RUBIO, K. Memória, esquecimento e meta-história: entre Mnemosine e Lethe. In: RUBIO, K. (Ed.). Narrativas biográficas: da busca à construção de um método. São Paulo: Laços, 2016. p. 39–56.